

A magia do teatro como cenário para a celebração musical integra as páginas do livro 'Os sonhos não envelhecem', de Márcio Borges, um dos parceiros de Milton Nascimento no Clube da Esquina



Phil Jude/Luis Rosenda (Keystone)

Sonhos que não envelhecem

Os companheiros de estrada Milton Nascimento e Márcio Borges — dois expoentes do Clube da Esquina, movimento musical surgido nos anos 60 e que projetou Minas Gerais além montanhas — podem celebrar em Juiz de Fora a cumplicidade e os tempos de parceria narrados por Márcio no livro *Os sonhos não envelhecem*. Milton se destacou entre os artistas brasileiros que ajudaram a cidade na luta pela recuperação do Cine-Theatro Central e tem show marcado para 14 de dezembro dentro da programação de reinauguração do Central.

Agora, está sendo articulada também a vinda de Márcio Borges para lançar no foyer do segundo piso do Central o livro que resgata as histórias do Clube da Esquina. A oportunidade de reunir

Márcio e o 12º dos irmãos Borges — como Milton passou a ser chamado na época em que passou a conviver com a família Borges como moradores do Edifício Levy, em Belo Horizonte, no início dos anos 60 — transforma a festa pela reconquista do Central num reencontro.

Milton, em meados dos anos 70, ao lado do Som Imaginário, foi responsável por um dos mais importantes eventos musicais realizados no Central e que percorreram diversas cidades do país durante o Circuito Universitário. Um pouco dessa magia, que só a arte pode oferecer, permeia as páginas de *Os sonhos não envelhecem*. Afinal, o livro tem como pano de fundo um tempo onde a supressão da democracia levava músicos, como Milton, a se tornarem arautos da liberdade, além de artistas. (JS)

O CANTOR E COMPOSITOR MILTON NASCIMENTO, QUE SIMBOLIZA A MÚSICA DO CLUBE DA ESQUINA, FAZ SHOW NO CENTRAL, NO DIA 14 DE DEZEMBRO, COMEMORANDO O RESGATE DO TEATRO. E O PARCEIRO MÁRCIO BORGES LANÇA LIVRO SOBRE O MOVIMENTO QUE MUDOU A MÚSICA DE MINAS



Jorge Arbach

A essência da alma mineira

JORGE SANGLARD
REPORTER

O compositor Márcio Borges rompeu o silêncio em torno do mais importante movimento musical surgido nas Minas Gerais, o Clube da Esquina. O mergulho nas histórias, aventuras e desventuras de músicos que abriram espaço na cena cultural brasileira, a partir dos anos 60, injetaram sangue novo na MPB e forjaram uma travessia plena de prazer, sem renegar a dor, mas impregnada de esperança e inventividade, é uma autêntica celebração da essência da alma mineira. Numa narrativa emocionada e emocionante, Márcio Borges resgata no livro *Os sonhos não envelhecem* (Geração Editorial) os tempos dos encontros no Edifício Levy, em Belo Horizonte, e os tempos em que "Travessia" — mais famosa parceria de Milton e Fernando Brant — ainda era apenas "Vendedor de Sonhos" e ainda não tinha sido classificada junto com "Maria Minha Fé" e "Morro Velho" no Festival

Internacional da Canção.

Milton Nascimento, o Bituca, síntese musical do Clube da Esquina, teve como companheiros de estrada ao longo desse tempo músicos como Wagner Tiso, Paulo Braga, Fernando Brant, Lô Borges, Beto Guedes, Nivaldo Ornelas, Waltinho Batera, Toninho Horta, Pascoal Meirelles, Néelson Ângelo, Ronaldo Bastos, Hélvius Vilela, Jamil Joanes, Marilton Borges e o próprio Márcio Borges, além dos mestres Pacífico Mascarenhas e Chiquito Braga e de muitos outros músicos. Na verdade, estes músicos são ao mesmo tempo o oceano atravessado e o barco que atravessa. Fruto da paixão e fé, o Clube da Esquina revelou uma nova harmonia e projetou a música mineira para muito além das montanhas.

No livro *Os sonhos não envelhecem*, Márcio Borges em nota introdutória ressalta que a aventura de sua vida foi marcada pelo encontro casual com outro jovem, de nome simples e anônimo como ele próprio, chamado Milton do Nascimento,

num longínquo dia de 1963. As consequências desse encontro, não apenas para a trajetória dos dois, mas para a articulação de um grupo de amigos em torno do Clube da Esquina, levaram à criação de uma nova música em Minas. Não é à toa que Milton canta "Amigo é coisa para se guardar/debaixo de sete chaves...", em "Canção da América", e também canta "Que bom, amigo/Poder saber outra vez que estás comigo/Dizer com certeza outra vez a palavra amigo/Se bem que isso nunca deixou de ser...", em "Que bom amigo".

Márcio Borges narra no livro o período mais intenso da parceria com Milton Nascimento, que vai de 1963 até aproximadamente 1980. E faz questão de afirmar que nestas suas "Histórias do Clube da

Arquivo TM
Milton Nascimento, símbolo maior

Esquina" procurou ser o mais fiel possível às suas próprias lembranças, sem se preocupar em erguer um "monumento

memorial". E lança mão da frase "Quando a lenda se torna fato, imprima-se a lenda!" dita por um velho redator de jornal a James Stewart no filme "O Homem que Matou o Facínora", de John Ford.

Ainda segundo Márcio Borges, os eventos que marcarão a trajetória destes meninos mineiros sonhadores, em parte tendo como pano de fundo os tempos dos governos militares a sufocar os anseios e pretensões dessa geração, romperam todos os limites que poderiam ser concebidos nos magros tempos das boates do edifício Maletta e do Ponto dos Músicos, em Belo Horizonte.

Caetano Veloso assina o prefácio de *Os sonhos não envelhecem* e assegura que estes músicos traziam o que só Minas pode trazer: "os frutos de um paciente amadurecimento de impulsos culturais do povo brasileiro, o esboço (ainda que muito bem-acabado) de uma síntese possível. Minas pode desconfiar das experiências arriscadas e, sobretudo, dos anúncios arrogantes de duvidosas descobertas. Mas está se

preparando para aprofundar as questões que foram sugeridas pelas descobertas anteriores cuja validade foi confirmada pelo tempo. Em Minas o caldo engrossa, o tempero entranha, o sentimento se verticaliza".

O poeta Fernando Brant, grande letrista mineiro, destaca a importância do depoimento de Márcio Borges sobre o Clube da Esquina ser verdadeiro e emocionado. E Brant reafirma: "O Clube da Esquina, movimento cultural original e espontâneo surgido na Capital de Minas, é parente do que de melhor se fazia no planeta musical".

E Milton Nascimento, o parceiro e amigo dos tempos do Edifício Levy, assina o pós-fácio dedicado a Márcio Borges, onde revela: "Mais uma vez penso que o Clube não pertencia a uma esquina, a uma turma, a uma cidade, mas sim a quem, no pedaço mais distante do mundo, ouviu nossas vozes e se juntasse a nós". E Bituca arremata: "O Clube da Esquina continua vivo nas músicas, nas letras, no nosso amor, nos nossos filhos e quem mais chegar".